

REVISÃO DO PRE-MODERNISMO BRASILEIRO: UMA PROPOSTA

Mauricio Silva

Introdução

A periodização literária sempre foi, dentro do largo campo dos estudos literários, um dos mais enfáticos e controvertidos problemas com que os estudiosos se depararam em todos os tempos. Ao lado da tentativa do estabelecimento de um critério rígido e universalmente válido para a caracterização genérica das obras — questão que vem sendo debatida desde as posições clássicas de Platão, com a *República*, e Aristóteles, com a *Pética* — o agrupamento da produção literária sob uma mesma tendência artística e, conseqüentemente, sob uma denominação comum e satisfatória talvez seja o mais incômodo trabalho a que um pesquisador da área possa se dedicar.

Com efeito, não são poucos os embates travados em torno de denominações mais ou menos abstratas, que, a partir de uma ou mais especificidades estéticas, presentes e recorrentes nas principais obras literárias de uma época, procuram designar todo um complexo período artístico, através de epítetos que nem sempre alcançam uma unanimidade entre os críticos e estudiosos da literatura. E assim que assistimos às mais irreverentes controvérsias a respeito de designações inevitavelmente genéricas, como Classicismo, Barroco, Romantismo, Realismo, Modernismo e muitas outras.

Questão praticamente insolúvel, em vista da quantidade verdadeiramente desanimadora de argumentos que se podem levantar contra e a favor de tais classificações, tal problema tende a adensar-se ainda mais se levarmos em conta a facilidade com que as chamadas *escolas literárias* prosperam, dando ensejo ao aparecimento vertiginoso de nomenclaturas e qualificativos próprios de uma sociedade aparentemente estarecida com a fragmentação de seu cabedal de conhecimento humanístico. Mas, se isto nos serve como algum consolo, talvez não estejamos ainda preparados para o enfrentamento de uma realidade demasiadamente complexa sem lançarmos mão de um raciocínio que, afinal de contas, guarda em sua natureza a mais estrita e imperativa lógica cartesiana. Daí a necessidade de criarmos, cada vez mais,

denominações que, no seu íntimo, buscam utopicamente o aprisionamento das insubordinadas células do conhecimento humano.

Este problema — que, como se pode perceber, vai além de uma mera e irrelevante questão de natureza taxionômica — tem atribulado bastante a relação dos críticos literários com a nossa literatura nacional, não exatamente por se tratar de uma novidade no nosso meio, mas principalmente pelo aparecimento mais ou menos surpreendente de uma designação estética que procura classificar uma série de importantes obras literárias surgidas nas duas primeiras décadas do presente século: trata-se do já bastante discutido Pré-Modernismo.

Neste ensaio - que de maneira alguma tem a pretensão de se colocar como uma solução definitiva a respeito de um assunto possivelmente insolúvel - busca-se antes promover uma espécie de revisão teórica do período aludido, no modesto propósito de expor e organizar algumas das principais posições críticas a seu respeito e, finalmente, propôr uma nova definição do mesmo. Se, devido à complexidade do problema, nosso trabalho revelar-se insuficiente na sua propriedade de estudo exíguo, esperamos ao menos que ele tenha o mérito de contribuir para o aprofundamento de uma discussão que, reconhecidamente, vem sendo cada vez mais solicitada por aqueles que tem pelo período um particular interesse.

Três visões controversas

Afortunadamente, o reconhecimento da controvérsia em torno do período que antecede o nosso tão estudado Modernismo literário não é recente, tendo sido sucintamente exposto por Fernando Góes, que, além de aludir a algumas das diversas tendências definitórias do período, critica o desprezo com que a nossa historiografia literária trata o mesmo e revela sua inegável importância para a evolução da cultura nacional (Góes, 1960).

Seguindo um caminho mais ou menos análogo ao do crítico aludido, é possível considerar a concorrência, no âmbito dos nossos estudos literários, de três visões muito particulares em torno do chamado Pré-Modernismo literário: uma primeira visão inaugural e generalizante, que, num plano bastante largo, tende a considerar a época em questão como um período autônomo dentro da Literatura Brasileira; uma segunda visão intermediária, que busca a afirmação do Pré-Modernismo não como um período independente e isolado, mas como uma tendência estético-literária dentro de uma época determinada; uma terceira e última visão, de natureza revisionista que busca retomar, sobre outros fundamentos teóricos, a tese do Pré-Modernismo como época distinta.

A primeira delas, aqui chamada de inaugural, é aquela que procurou expor os fundamentos do Pré-Modernismo, considerando — o uma época autônoma e independente, ao lado de tantas outras que compõem o espólio literário vernacular. Trata-se, em poucas palavras, de uma tendência que considera o Pré-Modernismo um período prevalente e auto-suficiente.

Representado pela figura singular do crítico Tristão de Ataíde, esta visão concede ao Pré-Modernismo a condição de escola literária, pecando, contudo, por excesso de generalização, onde critérios muito mais funcionais e seguros, como o estético, são compulsoriamente abandonados em função de critérios pouco confiáveis, como o cronológico. De fato, a visão que Tristão de Ataíde possui do nosso Pré-Modernismo literário revela uma nítida fundamentação cronológica (ao lado de um frágil fundamentação ideológica, que opta pelo nacionalismo e pelo ecletismo como elementos distintivos): "este novo período, que incluímos cronologicamente entre 1900 e 1920, é o que chamamos de *nacionalista ou eclético*. *Nacionalista*, porque durante ele se manifestou, nas letras, um movimento de acentuado nativismo. *Eclético*, porque o trecho que vai entre o Simbolismo e o Modernismo se caracteriza, acima de tudo por não poder ser resumido numa escola dominante e, ao contrário, compreender a coexistência de simbolistas, realistas e parnasianos, até mesmo os da geração que, em 1920, iriam desencadear o Modernismo. Foi o Pré-Modernismo" (Lima, 1969:61).

Fatalmente, esta concepção do período levaria a uma indesejável generalização, já apontada pelo fato do autor eleger o ecletismo como um elemento decisivo dentro de sua caracterização do que deva ser considerado Pré-Moderno. Daí entendermos a falta de critério estético que conforma a escolha dos autores contemplados pelo crítico para figurar numa pretensa história do nosso Pré-Modernismo literário, escolha esta que coloca lado a lado autores tão dispares esteticamente, como um Lima Barreto e um Coelho Neto, um Augusto dos Anjos e um Artur de Sales, um Antonio Torres e um Paulo Barreto (Cf. Lima, 1948)

Como na obra anterior, esta também possui como fundamento a cronologia, o que — é preciso reconhecer — cumpre apenas parcialmente sua função. Embora suas resenhas críticas busquem, isoladamente, apoiar-se em opiniões rigidamente marcadas pela apreciação estética das obras, o agrupamento das diversas tendências literárias sob uma mesma designação genérica acaba por comprometer a imagem que o autor nos quer passar do Pré-Modernismo, imagem esta, digase de passagem, que reputamos não muito segura, já que o período em questão nem sempre se encontra arrolado entre as demais épocas de nossa literatura, tratada noutras obras que o autor escreveria posteriormente¹.

Para Tristão de Ataíde, o inaugurador do termo em nossa crítica literária, o Pré-Modernismo seria um período marcado simplesmente por autores cujas obras principais situam-se entre os anos de 1900 e 1920, independente do fato destas mesmas obras poderem ser consideradas, esteticamente, tão distantes quanto *Messiodor de Guilherme* de Almeida e *Juca Mulato* de Menotti del Picchia ou *Vida e Morte* de M. J. Gonzaga de Sá de Lima Barreto e *Fruta do Mato* de Afrânio Peixoto.

Se a primeira visão, representada por Tristão de Ataíde, possui os fundamentos teóricos que acabamos de apresentar, a segunda visão do nosso Pré-Modernismo literário vai procurar se afastar paulatinamente desses fundamentos, elegendo outros critérios de apreciação do período.

Trata-se de uma posição marcada pela tentativa de estabelecimento definitivo do Pré-Modernismo no âmbito da Literatura Brasileira: a preocupação agora volta-se para uma inserção mais radical do período em nossa cultura literária. Mas, o que é curioso, já não se busca visualizar o Pré-Modernismo enquanto uma literária autônoma e auto-suficiente, como um período literário em si mesmo, mas antes como uma tendência estética singular, ao lado de tantas outras da mesma época. A mudança de perspectiva é importante, já que pressupõe um corte epistemológico e crítico muito mais rígido do que a posição anterior. E se aquela visão era representada pela figura máxima de Tristão de Ataíde, a nova visão que surge tem no crítico Alfredo Bosi seu mais saliente representante. Assim, partindo da visão inaugural precedente, Alfredo Bosi irá erigir toda uma teoria do Pré-Modernismo literário brasileiro caracterizada não pelo sentido de inauguração, mas pela necessidade de consolidação do mesmo em nossa literatura.

É importante ressaltar que esta nova posição deve ser dividida em dois momentos distintos, mas complementares. Num primeiro momento, como já aludimos acima, percebe-se nitidamente uma transição da antiga visão, caracterizada pela consideração do Pré-Modernismo como escola autônoma, para uma visão emergente, marcada pela consideração do mesmo como uma tendência estética. A escolha dos autores que devem figurar nesta nova visão do Pré-Modernismo é ainda marcada por uma indesejada generalização, mas agora um pouco mais abrangida. A fundamentação teórica, por sua vez, mescla aspectos cronológicos e ideológicos, mas - ao contrário da posição anterior — é este último que tem peso maior na decisão final: assim, ao lado da afirmação de que o Pré-Modernismo deve congrega autores limitados entre as duas primeiras décadas do século XX, percebe-se também que começa a nascer uma preocupação maior com a caracterização ideológica destes mesmos

autores, no sentido de valorizar aqueles que apresentam um maior viés contestatório.

E neste sentido que podemos entender o fato de Alfredo Bosi na sua primeira apreciação do período - insistir em ressaltar, ao lado de uma corrente literária pretensamente conservadora e oficial, a existência de uma tendência destoante, de natureza renovadora e inconformista (Bosi, 1969). Não obstante tal preocupação, ainda vemos ser colocados, lado a lado, alguns dos mesmos autores - em tudo contrários entre si - presentes na obra precursora de Tristão de Ataíde. Mas a tendência à diferenciação começa a ganhar novo alento, sempre no sentido de apresentar, dentro de um suposto período pré-modernista, duas correntes bem distintas, sejam elas denominadas oficial e inconformista - como acabamos de ver -, oficial e contestatória (Machado Neto, 1973) ou vencedores e derrotados (Sevcenko, 1989).

Num segundo momento, o que se pode perceber é uma radicalização maior desta distinção, sempre no sentido de estabelecer de forma definitiva o Pré-Modernismo como tendência e, não, como escola literária. Agora, a generalização é substituída por uma maior preocupação seletiva por parte da crítica, e a fundamentação teórica que prevalece é, visivelmente, ideológica, ficando a cronologia apenas como critério subsidiário. É ainda Alfredo Bosi que contribuirá decisivamente para esta questão, quando, posteriormente, reconhecendo o equívoco cometido na sua definição generalizante do Pré-Modernismo, busca resolver o problema nos seguintes termos: "redefinindo um termo bivalente, Pré-Modernismo, diria que é efetiva e organicamente pré-modernista tudo o que rompe, de algum modo, com essa cultura oficial, alienada e verbalista, e abre caminho para sondagens sociais e estéticas retomadas a partir de 22" (Bosi, 1988:220).

Esta é, indubitavelmente, uma posição inovadora na consideração do nosso Pré-Modernismo literário, principalmente porque procura, como já era possível entrever nos autores citados anteriormente, estabelecer novos parâmetros para a consideração de autores efetivamente pré-modernistas. Como aludimos antes, seu fundamento teórico passa a ser principalmente ideológico, sobretudo se levarmos em conta estas palavras que atuam como verdadeiro complemento do que ficou dito acima pelo criterioso pensador: "creio que se pode chamar pré-modernista tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural"².

Segundo esta perspectiva, já não se pode mais falar em generalização, uma vez que os autores considerados pré-modernistas devem passar por uma rígida apreciação crítica. Alcança-se, assim - e este é todo o mérito do novo posicionamento - uma maior coerência e

homogeneidade na consideração de obras e autores, alijando do grupo tanto os simbolistas (Cruz e Souza, Alphonsus de Guimarães) e parnasianos (Olavo Bilac, Raimundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Francisca Júlia), quanto os estilistas de primeira hora (Coelho Neto, João do Rio, Benjamim Costallat), bem como os neonaturalistas (Coelho Neto, Afrânio Peixoto) e os regionalistas (Valdomiro Silveira, Afonso Arinos, Alcides Maia). Restam, portanto, aqueles que, efetivamente, revelam — como quer o crítico citado — uma preocupação com o social: Lima Barreto, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Graça Aranha e outros.

Cumprе enfim salientar que, embora Alfredo Bosi se considere, desde o princípio, um caudatário das posições de Tristão de Ataíde, é antes nas idéias corretas de Lúcia Miguel-Pereira que, acreditamos, deve-se buscar muito da inspiração do crítico, sobretudo quando esta autora elege como pré-modernistas (na verdade, como renunciadores do modernismo) escritores que revelam uma preocupação com aspectos profundos da vida e da realidade tipicamente nacionais (Miguel-Pereira, 1950). A única objeção que, finalmente, teríamos a fazer é quanto á prevalência do critério ideológico sobre o estético, particularmente evidente nesta segunda acepção do nosso Pré-Modernismo literário.

Talvez para não incorrer na mesma lacuna verificada na posição anterior, os críticos representantes da terceira visão do Pré-Modernismo optaram por privilegiar o critério estético, no trabalho de caracterização do período em causa. Trata-se de posições revisionistas, que, a partir das duas visões anteriores, procuram promover uma concepção particular do fenômeno pré-modernista. Nesta nova acepção, a tendência é voltar a considerar o Pré-Modernismo como uma escola literária autônoma - embora intervalare, por isso mesmo, de menor peso dentro do universo literário nacional, o que não ocorria com as posições anteriores. Outra peculiaridade a ser observada é o fato de, em se utilizando tal critério, ser possível realizar uma seleção dos autores diferenciada das anteriores, tanto positivamente - pois acolhe autores até então não contemplados -, quanto negativamente - já que despreza autores que dificilmente poderiam deixar de ser considerados pré-modernistas, seja qual for a acepção que se queira dar ao termo. Finalmente, é de se observar que esta terceira e última visão se caracteriza por não possuir uma figura única sobre a qual incide a responsabilidade de ter elaborado os pressupostos teóricos da mesma, promovendo antes uma verdadeira disseminação de idéias em torno do nosso Pré-Modernismo.

Assim sendo, pode-se dizer que uma das primeiras tentativas revisionistas do Pré-Modernismo se deu com a figura do crítico David Salles: a partir de suas idéias, percebe-se que o critério utilizado para

caracterizar o período é substancialmente estético, dentro do qual se destaca visivelmente o fenômeno da ornamentação formal e temática, erigindo para o período cronologicamente situado entre 1888/93 e 1922/30 a denominação ornamental" (Salles, 1977). Com mais intensidade e ousadia, José Paulo Paes procura elevar o ornamental à categoria de critério distintivo dos autores pré-modernistas, salientando sua importância na consideração do período e julgando — o uma fase marcada pela tendência artística *art nouveau* — o autor pré-modernista por excelência seria, no seu caso, João do Rio (Paes, 1985:64-80). Embora inovadora, tal posição revela-se, a nosso ver, demasiadamente frágil, na medida em que elege como critério distintivo dos autores pré-modernistas um recurso literário que, visivelmente, pouco tem a ver com a vindoura estética moderna, a partir da qual a própria denominação do período aqui estudado foi elaborada. No caso de José Paulo Paes chega a causar espanto, inclusive, o fato de o crítico desconsiderar por completo a figura de um romancista como Lima Barreto — talvez o nosso mais acabado pré-modernista — e de sentir dificuldade, em função do próprio critério adotado, em apontar poetas verdadeiramente pré-modernistas³.

Ainda no âmbito das visões revisionistas, nenhuma parece ter inovadora e profícua do que aquela defendida pelos pesquisadores agrupados em torno da Fundação Casa de Rui Barbosa, todos comprometidos com uma salutar e deliberada revisãõ do nosso Pré-Modernismo literário. Encabeçada pelas posições originais de Flora Süssekind a respeito da literatura do período, estas nova posições procura também eleger critérios estéticos como elementos de distinção dos autores que nele devem figurar. Mas, agora, a apreciação da produção literária da época é completamente diferente, marcada por um visível viés historicista: rejeitando a denominação Pré-modernista do modo como ela vem sendo considerada pela crítica especializada, Flora Süssekind propõe abordar o período a partir de uma perspectiva que leve em consideração tanto as formas de produção e recepção literárias, quando os modos de difusão técnica desta mesma produção (Cf. Süssekind, 1988:31-47). Nesta acepção — que inconscientemente traz em seu bojo elementos provenientes da estética da recepção de H. R. Jauss — seria possível analisar mais detidamente aspectos rigorosamente estéticos (e estilísticos) dos autores e definir em que medida se enquadram nesta nova tentativa de caracterização do período. Mas, indubitavelmente, o que deve ser ressaltado é o inusitado fundamento teórico encontrado pela autora para determinar a feição da época: "o diálogo entre a forma literária e imagens técnicas, registros sonoros, movimentos mecânicos, novos processos de impressão" (Süssekind, 1987). Nesta obra, de vital importância para a caracterização

do período estudado, a autora define a produção literária pré-modernista (sobretudo aspectos estilísticos e de criação de personagens) em função do desdobramento de processos tecnológicos.

Com efeito, essa é uma abordagem que dificilmente poderá ser substituída por outra de maior eficácia, a despeito do excessivo historicismo que a caracteriza. Trata-se, sem dúvida, de um critério habilidoso e que parece dar conta suficientemente do período. Não obstante, tentaremos - dentro deste espírito revisionista que dirige as mais recentes considerações do nosso Pré-Modernismo literário - contribuir com mais uma abordagem diferenciada do mesmo, abordagem esta que nasceu tanto das preocupações com a variabilidade de posições críticas diante do período, quanto da tentativa de estabelecer um contato mais íntimo com seus autores e obras.

Uma proposta

As três visões acima apontadas possuem, cada uma delas, um nítido corte epistemológico: a primeira, representada pela figura do crítico Tristão de Ataíde, busca apoiar-se numa fundamentação cronológica, definindo o Pré-Modernismo como um período literário que vai de 1900 a 1920. A segunda, representada por Alfredo Bosi, revela uma clara referência ideológica, considerando o Pré-Modernismo uma tendência literária marcada por tentativas mais ou menos homogêneas de romper com nossa expressão cultural oficial e repensar questões sociais de âmbito nacional. A terceira, tendo como fundamento critérios de natureza estética, procura, representada por David Salles e José Paulo Paes, privilegiar um recurso literário (a ornamentação) como elemento distintivo do período denominado Pré-Modernismo; e, representada por Flora Süssekind, elege a relação entre produção/fruição e técnicas de difusão cultural como elemento de definição do mesmo período.

Nossa proposta, sem ter a pretensão de esgotar por completo um assunto aparentemente inexaurível e, mais ainda, sem buscar ser uma resposta definitiva a toda esta variabilidade de posições, procura simplesmente erigir novos parâmetros críticos para a consideração do período, a partir de uma adaptação sincrética das visões acima arroladas e, evidentemente, de elementos ainda não completamente aventados pela crítica especializada. Neste sentido, sem chegar a ser uma visão rigorosamente fundamentada — como as que aqui apresentamos — não tem maior pretensão do que se afirmar como mera sugestão.

Nascido num período muitas vezes considerado intervalar pela história literária, o Pré-Modernismo ganhou sua denominação exatamente em função de uma estética vindoura. Sem entrarmos em questões de

natureza taxionômicas e semânticas, que reputamos dispensáveis, preferimos antes adotar o nome já consagrado pela crítica e tentar expor alguns critérios definitórios do mesmo. E, como tais critérios — por sua própria rigidez conceptual — tendem a limitar bastante o ingresso de autores e obras no âmbito da estética em causa, optamos antes por considerar o Pré-Modernismo não como um tendência autonomamente representado, mas como uma tendência literária.

Se é no Modernismo que tal tendência encontra sua explicação, parece-nos lógico estabelecer seus critérios distintivos tendo sempre em vista peculiaridades próprias dos autores modernos, ressaltando, contudo, as diferenças existentes entre estes e seus predecessores. Para tanto, adotamos um critério fundamentado em quatro aspectos distintos: cronológico, histórico, ideológico e estético.

- a) Cronologicamente, o Pré-Modernismo situa-se de fato anos antes verdadeira revolução causada pelos idealizadores da Semana de Arte Moderna⁴, podendo reconhecer o ano de 1902 como inaugurador da nova tendência que despontava, sobretudo por se tratar do ano da publicação de *Os Sertões* (de Euclides da Cunha) e *Canaã* (de Graça Aranha), inegavelmente dois expoentes da estética pré-modernista. O ano que limita o final do período é, sem dúvida alguma, o de 1922, quando se realiza a Semana de Arte Moderna em São Paulo. É interessante ressaltar que tal período estabelece uma relação muito íntima com o que, posteriormente, ocorreria durante a vigência da estética moderna: é durante estes vinte anos que o verso livre se afirma definitivamente, que o prosaísmo começa a imperar na literatura (até então, campo reservado ao cultivo de um espírito eminentemente aristocrático), que a linguagem se liberta das amarras do tradicionalismo e do academicismo.
- b) Historicamente, é a partir de 1902 que Rodrigues Alves inaugura seu governo reformista, marcado por uma infrene reurbanização da Capital Federal, o que engendraria não apenas novos parâmetros de sociabilidade, mas também novas possibilidades de reformulação literária, a partir da vida social então forjada⁵. O ano de 1922 marca, historicamente, o final do governo Epitácio Pessoa, já apontando para as transformações modernistas não apenas no sentido literário, mas sobretudo político com a Revolução de Vargas.
- c) Ideologicamente, este período caracteriza-se por uma tentativa correta de revisão do país, em todos os seus valores mais latentes. É a época de um patriotismo exacerbado (insuflado, inclusive, pelo advento da Primeira Guerra Mundial), onde se buscou valorizar o autenticamente

nacional. Mas é a época também da valorização do elemento marginal da nossa sociedade, com o elemento socialmente deslocado: o suburbano, com Lima Barreto, o sertanejo, com Euclides da Cunha, o interiorano ou caipira, com Monteiro Lobato. A par destas características, o espírito combativo (sobretudo contra os canones ideológicos do passado) se afirma como outra marca significativa dos autores pré-modernistas⁶.

- d) Esteticamente o Pré-Modernismo é mercado, de uma lado, por uma grande tendência à inovação formal. Ao contrário do que defende José Paulo Paes, no seu citado artigo, é — no nosso ponto de vista — a simplicidade lingüística o principal elemento formal caracterizador dos autores pré-modernistas, simplicidade esta que pode ser traduzida tanto em falta de cuidado com as normas gramaticais vigentes, quanto em preocupação com uma linguagem fluida e comum. De outro lado, tal tendência é marcada pelo emprego de uma temática mais prosaica e cotidiana, mais voltada para os temas do dia a dia da população ou invocando fatos e eventos marcadamente populares. Além disso, há que se levar em conta inovações diversas, como a liberdade formal, a temática de natureza social, a análise psicológica das personagens e a complexização da trama romanesca.

Quais seriam, afinal de contas, os autores que — de uma maneira ou de outra — enquadram-se nas coordenadas que aqui estabelecemos como sendo tipicamente pré-modernistas? Sem dúvida alguma, não todos aqueles que Tristão de Ataíde considerava aptos a figurar dentro desta estética por mero privilégio cronológico; nem todos aqueles que Alfredo Bosi, através de um corte ideológico da época, defendeu como aptos a figurar na mesma tendência; tampouco a maioria dos autores aventados por José Paulo Paes e por Flora Süssekind nas respectivas obras, aqui já aludidas. No nosso modesto ponto de vista, somente os autores que revelam uma maior aproximação com as diretrizes cronológica, histórica, ideológica e estética aqui traçadas deveriam figurar como representantes autênticos da estética pré-moderna. Na prosa, principalmente Monteiro Lobato, Euclides da Cunha (que foge aos preceitos aqui expostos apenas no que se refere ao aspecto formal de sua obra, resultado das contradições patentes num autor que se utiliza de uma linguagem acintosamente preciosista para tratar de um assunto reconhecidamente marginal)⁷ Graça Aranha, Arthur Azevedo (parte da obra) e Lima Barreto. Na poesia, Augusto dos Anjos, Pedro Kilkerry, Manuel Bandeira (apenas os três primeiros livros) e Gilka Machado. Na ensaística, Alberto Torres, Manuel Bonfim e Antonio Torres. Evidentemente, não são apenas estes que devem

figurar como participantes da tendência pre-moderna; tampouco apresentam integralmente os elementos aqui discriminados como sendo próprios da mesma tendência.

O importante é notar que todos os autores aqui citados apresentam uma relação muito mais estreita - cronológica, ideológica, histórica e esteticamente - com os modernistas que já começavam a despontar no horizonte, do que os demais escritores da mesma época, podendo por isso mesmo se afirmarem como verdadeiros representantes do nosso Pré-Modernismo literário, mera tendência artística em meio a tantas outras que vingaram naqueles conturbados anos que marcam o desabrochar de um novo século. Enfim, vale a pena lembrar que o período aqui estudado — colocado sugestivamente entre várias tendências da nossa Belle Époque nacional — tende a ser desprezado pela historiografia literária como uma época pouco profícua em termos de produção estética, o que absolutamente não corresponde à realidade, como já observou mais de um estudioso do período: "a crítica brasileira tem sido impiedosa e às vezes injusta quando julga o período. Em geral, a belle époque é vista como uma época de esterilidade, de puro servilismo cultural. E muito comum as histórias da literatura saltarem esse período. Após o estudo de Machado de Assis, pulam vinte anos e começam a falar da Semana de Arte Moderna, ou de seus antecedentes como se nada tivesse ocorrido nesse lapso de tempo (...) A belle époque não pode representar um vácuo na literatura brasileira" (Machado, 1973:145)⁸.

Com este ensaio esperamos ter contribuído, ainda que modestamente, para uma revisão não apenas do nosso Pré-Modernismo literário, mas principalmente dessa visão que o considera um período pejorativamente vazio e insignificante, o que de maneira nenhuma corresponde à verdade.

Notas:

- 1 Cf. Lima, 1968, embora o autor se revele, nesta obra, um irredutível partidário da divisão da literatura em períodos, curiosamente não coloca o Pré-Modernismo entre as escolas que compõem a Literatura Brasileira, as quais seriam, na sua opinião, cinco: "a clássica, a romântica, a naturalista, a simbolista e a moderna ou modernista". p. 198.
- 2 Idem, *Ibidem*, p. 345. Esta mesma fundamentação teórica do nosso Pré-Modernismo literário é sugerido pelo autor sem citar, contudo, a denominação Pré-Modernismo - contrapõe aos estilistas e regionalistas os autores do "Brasil real", cf. Bosi (1977), pp.-319.
- 3 Para uma crítica ao critério adotado por J.P. Paes na caracterização do Pré-Modernismo, cf. Guimaraes (1988), pp. 49-61.

- 4 Para uma análise acurada do período que antecede a Semana de Arte Moderna, consultar Brito (1974).
- 5 Para a relação entre a reurbanização do Rio de Janeiro e a literatura, cf. Broca (1960).
- 6 Para o estabelecimento do ano de 1922 como limite ideológico de uma época, cf. Ianni (1992).
- 7 Contudo, mesmo no que se refere ao aspecto formal, Euclides da Cunha era reconhecido pelos autores da época como um dos precursores de novas tendências literárias que surgiam, cf. Campos (1935), p. 290.
- 8 Para uma crítica semelhante, cf. Needell (1993).

Referências

- Bosi, Alfredo (1977), 'As Letras na Primeira República' in Boris Fausto (dir.), *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano. Sociedade e Instituições (1889-1930), Tomo III, Vol. 02: 293-319.*
- Bosi, Alfredo (1988), *História Concisa da Literatura Brasileira*, São Paulo: Cultrix.
- Bosi, Alfredo. A (1969), *A Literatura Brasileira. O Pré-Modernismo*, São Paulo: Cultrix.
- Brito, Mário da Silva (1974), *História do Modernismo Brasileiro. Antecedentes da Semana de Arte Moderna*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Broca, Brito (1960), *A Vida Literária no Brasil, 1900*, Rio de Janeiro: José Olympio.
- Campos, Humberto de (1935), *Crítica. Primeira Série*, Rio de Janeiro: José Olympio.
- Góes, Fernando (1960), 'Panorama da Poesia Brasileira. O Pré-Modernismo', *Civilização Brasileira*, Vol. V.
- Guimarães, Júlio, Castañon (1988), 'Poesia e Pré-Modernismo in José Murilo Carvalho et al., *Sobre o Pré-Modernismo*, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.
- Ianni, Octávio (1992), *A Idéia de Brasil Moderno*, São Paulo: Brasiliense.
- Lima, Alceu Amoroso (1948), *Primeiros Estudos. Contribuição a História do Modernismo Literário. O Pré-Modernismo de 1919-1920*, Rio de Janeiro: Agir.
- Lima, Alceu Amoroso (1968), *Introdução à Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro: Agir.
- Lima, Alceu Amoroso (1969), *Quadros da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, Tecnoprint.
- Machado Neto, A. L. (1973), *Estrutura Social da República das Letras (Sociologia da Vida Intelectual Brasileira, 1870-1930)*, São Paulo: Grjajlbo/Edusp.
- Miguel-Pereira, Lúcia (1950), *Prosa de Ficção (de 1870 a 1920)*, Rio de Janeiro: José Olympio.
- Needell, Jeffrey, D. (1993), *Belle Epoque Tropical. Sociedade e Cultura no Rio de Janeiro na Virada do Século*, São Paulo: Companhia das Letras.
- Paes, José, Paulo (1985), 'O art nouveau na literatura brasileira', *Gregos e Baianos*, São Paulo, Brasiliense, pp. 64-80.

- Salles, David (1977), *O Ficcionista Xavier Marques: Um Estudo da 'Transição' Ornamental*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Sevcenko, Nicolau (1989), *Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*, São Paulo: Brasiliense.
- Süssekind, Flora (1987), *Cinematógrafo de Letras. Literatura, Técnica e Modernização no Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras.
- Süssekind, Flora (1988), 'O Figurino e a Forja' in José Murilo Carvalho et al., *Sobre o Pré-Modernismo*, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.